

SUBJETIVIDADES, DADOS E ALVOS DIRECIONADOS: O QUE RESTA À PSICOLOGIA?

SUBJECTIVITIES, DATA, AND TARGETED INDIVIDUALS: WHAT IS LEFT FOR PSYCHOLOGY?

Marcelo Gonçalves Rodrigues¹

Jéssica Raquel Rodeguero Stefanuto²

Resumo: O presente trabalho, fundamentado na Teoria Crítica da Sociedade, discute sobre a tarefa histórica da Psicologia em uma época marcada pela conversão das já danificadas individualidades em dados e em alvos. Soma-se a isso um contexto de crescente militarização da vida e de educação dos sentidos a partir de uma estética e uma lógica da guerra. A sociedade neoliberal contemporânea parece dobrar a aposta em sua ofensiva sobre as condições de vida e sobrevivência, garantindo a retroalimentação do capital a qualquer custo. Assim, a educação pela dureza e a militarização das subjetividades surgem como formas de vida em um cenário insustentável e inabitável apesar do desenvolvimento técnico material. Essa razão instrumental domina e destrói as possibilidades de experiência real da subjetividade ao reduzi-la a um objeto de valor econômico substituível e os corpos em alvos desumanizados, ajustando os sentidos a uma estética de mais violência e exploração. O pensamento psicológico e dialético deve denunciar as tensões e contradições imanentes desse poder do estado tecnocrático. Nesse sentido, a proposta é aprofundar as reflexões sobre as contradições do desenvolvimento técnico atual que, ao invés de figurar como promessa de salvação, sequer é capaz de solucionar os problemas que cria e, frequentemente, acelera o agravamento das questões que deveria resolver. Identificar as inconsistências e falhas no interior desse sistema de poder técnico e burocrático é pensar a Psicologia. E pensá-la hoje, em tempos de crise brutal da individualidade requer que se considere o desenvolvimento que parece nos qualificar mais para a guerra que para a vida.

Palavras-chave: alvos direcionados; estética da guerra; militarização das subjetividades.

¹ Psicanalista; docente e supervisor clínico no curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Educacional de Penápolis (SP) FAFIPE/FUNEPE; mestre em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista - UNESP- FCL, campus Araraquara; psicólogo formado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Bauru. Desenvolveu estudos e pesquisas sobre a temática “Universidade, aceleração e semiformação”. É integrante do Grupo de Pesquisa Ética, Educação e Direitos Humanos, na linha de pesquisa: Teoria Crítica, Novas Tecnologias, Ética e Educação. Desenvolve estudos relacionados às conexões entre inteligência artificial, algoritmos, corpo e inconsciente. E-mail: marcelo_gonc@yahoo.com.br

² Psicóloga; técnica em Música; mestre em Educação Escolar; doutora em Educação. Atualmente é docente no curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Educacional de Penápolis (FAFIPE/FUNEPE), atuando nas áreas de Psicologia da Educação, Psicologia do Desenvolvimento e afins. E-mail: jessicaraqelpsi@yahoo.com.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6174-9267>

Abstract: This work, grounded in Critical Theory of Society, discusses the historical task of Psychology in an era marked by the conversion of already damaged individualities into data and targets. Added to this is a context of increasing militarization of life and education of the senses through an aesthetics and logic of war. Contemporary neoliberal society seems to double down on its offensive on living and survival conditions, ensuring the self-perpetuation of capital at any cost. Thus, education through harshness and the militarization of subjectivities emerge as ways of life in an unsustainable and uninhabitable scenario despite material technical development. This instrumental reason dominates and destroys the possibilities for real subjective experience by reducing it to a replaceable economic object and turning bodies into dehumanized targets, adjusting the senses to an aesthetic of greater violence and exploitation. Psychological and dialectical thinking must expose the inherent tensions and contradictions of this technocratic state power. In this sense, the proposal is to deepen reflections on the contradictions of current technical development, which, instead of appearing as a promise of salvation, is not even capable of solving the problems it creates and, frequently, exacerbates the issues it should resolve. Identifying the inconsistencies and failures within this technical and bureaucratic power system is to think about Psychology. And thinking about it today in times of a brutal crisis of individuality, requires considering a development that seems to qualify us more for war than for life.

Keywords: targeted individuals; war aesthetics; militarization of subjectivity.

“[...] somente a guerra permite mobilizar em sua totalidade os meios técnicos do presente, preservando as atuais relações de poder.”

Walter Benjamin

Introdução

O ano é 2024. Uma pessoa, preparando-se para uma caminhada de fim de tarde, conecta-se a um aplicativo do smartphone que monitora seu percurso. Ali, ficam registrados dados como o trecho percorrido, o horário e o tempo da atividade, a velocidade média a que o corpo se deslocou, eventuais pausas e eventuais imagens inseridas. A pessoa ainda pode acrescentar se alguém a acompanhou e como ela se sentiu. Um outro sujeito conecta-se a um aplicativo, agora de serviço de *streaming* de músicas e, curiosamente, gosta da sugestão de canção e artista que lhe aparece. Em uma outra ocasião, esses mesmos sujeitos recebem, em meio a imagens bonitas de suas redes sociais, uma propaganda patrocinada do governo de estado. Ela promete desenvolvimento e progresso, ao mesmo tempo em que imagens de canaviais, difusores de agroquímicos e terras aradas em lotes de tamanhos latifundiários emergem como símbolos de sucesso e de avanço. Esse mesmo cenário é compatível com um noticiário, ao fundo, de que, em uma situação de genocídio, alvos militares são identificados

com inteligência artificial ao mesmo tempo em que se contabilizam cerca de 14 mil crianças assassinadas.

Preocupar-se com como esse contexto, que está longe de ser fictício, constitui e forma pessoas parece ser uma tarefa premente de uma Psicologia que não desistiu de pensar. Se tais configurações dos poderes exigem uma ciência capaz de acompanhar as implicações desse cenário nos processos de subjetivação na contemporaneidade, soma-se aqui também a necessidade da produção de uma crítica que leve em conta tanto as especificidades de um país do Sul Global, marcado por uma história de opressões coloniais não elaboradas que permanecem e que se somam a um colonialismo digital (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023), quanto a noção de que seguimos com problemas globais. Disputas que parecem distantes, na fronteira entre Israel e Egito, por exemplo, também nos dizem respeito, forjam nossas sensibilidades e nosso senso do que é tolerável.

A acumulação e a gestão de dados, o direcionamento de informações e o uso mercadológico dos rastros humanos online configuram-se como mais um viés de uma economia de base extrativista que segue no Brasil do século XXI ecoando o século XVI e atualiza-se com novos recursos de justificativa, convencimento, distração e dissuasão da potência transformadora. No contexto mais amplo, faz-se então fundamental conhecer como os mecanismos de controle e distração relacionam-se com processos de subjetivação, objetivando uma falsa conciliação entre os interesses do poder econômico, colonial e neoliberal e as potencialidades dos sujeitos de fazerem frente às tragédias de nosso tempo.

Tais mecanismos, ao configurarem-se como cultura de massas e tendo a seu alcance os dispositivos de direcionamento de informações e de mapeamentos de perfis psicológicos, podem tanto forjar sensibilidades e subjetividades afeitas aos poderes vigentes como podem capturar, anular ou redirecionar os mal-estares gerados nas contradições e conflitos sociais de nosso tempo, mais ou menos conscientemente percebidos pelos sujeitos. A sociedade neoliberal se deu conta há tempos de que a subjetividade e a sensibilidade se constituem como campos de batalha e não hesita em lançar mão de estratégias que tem como alvos processos sensíveis e subjetivos (SZTULWARK, 2023):

Vale a pena lembrar que, quando falamos de neoliberalismo, referimo-nos a uma forma de capitalismo particularmente totalitário, no sentido de seu interesse estar posto nos detalhes específicos dos modos de viver. O âmbito neoliberal não designa, segundo essa definição, um poder meramente exterior, mas uma vontade de organizar a intimidade dos afetos e de governar as estratégias existenciais (SZTULWARK, 2023, p. 72).

Nesse sentido, a captura de desejos de emancipação, o ajustamento daquilo que não se adequa e o redirecionamento das potências de transformação estão sempre na ordem do dia, exigindo um conhecimento que identifique esses mecanismos e trabalhe no sentido de organizar possibilidades que articulem outras forças e potencialidades. As implicações que decorrem disso incluem tanto o acolhimento e entendimento dos sofrimentos e conflitos percebidos como individuais, quanto a organização de grupos, coletivos, movimentos sociais e, em última instância, visões de mundo e projetos em comum. Daí a necessidade de uma Psicologia fundamentada na Teoria Crítica da Sociedade atentar-se aos determinantes dos processos de subjetivação no Brasil contemporâneo, captando os desafios dessa época e articulando-se com outras áreas do saber demandadas para a compreensão mais ampla da tarefa histórica.

Desse modo, a expectativa é que a Psicologia seja capaz de melhor contribuir com a compreensão de processos de organização (NUNES, 2023) sem fazer-se refém ou ser surpreendida por reviravoltas políticas. E, mais que isso, sendo capaz de fomentar articulações a partir das quais seja possível construir formas de vida que de fato possam ser entendidas como humanizadas, não em oposição dicotômica a uma noção reificada de natureza, mas sabendo-se também natureza e fundamentalmente dependente de condições de vida que viabilizem a existência da diversidade das formas de vidas. Como escreve Sztulwark (2023, p. 72), *“o ponto é, em última instância, a pergunta pela capacidade de inventar um viver não neoliberal”*.

Processos de subjetivação e contradições da individualidade

O processo de subjetivação que convencionou-se chamar *moderno* dá-se ao longo de séculos de transformações e rupturas (FIGUEIREDO, 2007) e tem íntima relação com os modos de organizar a dimensão técnica da mediação entre indivíduo, cultura e sociedade (MOREIRA, 2010). O desenvolvimento da prensa, por exemplo, somado à democratização da alfabetização, criou condições para a emergência da leitura silenciosa e para a consolidação de um modo privado de subjetivação (FIGUEIREDO; SANTI, 2006; CORBIN, 2009). Se esse contexto fomentou tanto o vislumbre quanto a crise da subjetividade (FIGUEIREDO; SANTI, 2006; FIGUEIREDO, 2007) e demandou uma ciência da individualidade e da subjetividade, as transformações contemporâneas que envolvem o mapeamento de

dividualidades estatísticas com entendimento dos sujeitos enquanto alvos (CHAMAYOU, 2015a) e algoritmos de recomendação *online* (SANTINI, 2020) atualizam essas demandas e exigem uma Psicologia à altura dos desafios de nosso tempo.

Desde os seus primórdios, a subjetivação moderna articulou-se tanto com o vislumbre dos ideais de emancipação, autonomia, identidade e privacidade quanto foi alvo do controle, da confissão, da investigação e do esforço de previsão:

O reajustamento do indivíduo impõe-se com maior razão às autoridades, que, no interior do espaço público, passam pouco a pouco do anonimato para relações de interconhecimento. A multidão cada vez mais densa e silenciosa que cobre a rua perde sua teatralidade; dissolve-se em um agregado de pessoas com o pensamento absorvido por seus interesses privados. Compreende-se que a partir daí se purifiquem os processos de identificação e o controle social se torne preciso (CORBIN, 2009, p. 400).

Processos de controle, mapeamento e previsão se intensificaram e aperfeiçoaram desde o surgimento da necessidade de uma ciência psicológica, culminando em sociedades com alvos direcionados (CHAMAYOU, 2015a) e mapeamentos comportamentais, com seus poderes de previsão e controle, que emergem como uma síntese entre o Behaviorismo Metodológico de John B. Watson e *Minority Report*, o filme de 2002. Eventualmente, aos sujeitos esses aparatos podem aparecer como avanços técnicos, num elogio sem mais daquilo que aparece como novo ou mais tecnológico, invertendo a lógica do quem serve a quem nessa configuração. O exercício é, então, incorporar a Dialética do Esclarecimento ao raciocínio psicológico.

Algoritmos de guerra e Habsbora: programação, seleção e extermínio

Não é difícil identificar que a superposição de significantes como dados, processamento e armazenamento de informações são status ontológicos das novas tecnologias digitais. Também não é um exagero afirmar que há uma racionalidade instrumental mortífera por trás desta moldura digital, a saber, a matriz construtivista, que regula comportamentos e desejos, atuando como um agente de previsão e controle humanos para facilitar os projetos do capital, sendo seu representante organizacional maior a Indústria Cultural. No entanto, ao mesmo tempo, a maioria das pessoas encontra dificuldades para compreender e aceitar que existe uma inteligência artificial programada via algoritmos que, conforme Jones (2023), pode

selecionar indivíduos para a destruição/morte. Desconhecer essa programação da morte é produto do mito da razão absoluta incontestável (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). É, outrossim, ignorar que a história do esclarecimento mítico se volta contra si mesmo com novos mitos em uma não oposição absoluta.

A natureza supersticiosa dessas novas tecnologias digitais e a sua extensão revelam o controle exercido por algoritmos de IA, bem como seu impacto desumanizador. O poder matemático enquanto vontade de potência e dominação é um dos critérios interpretativos analíticos de Adorno e Horkheimer para esclarecer o cálculo como potestade contra a força da natureza. Esse jugo matematizado serviu de engrenagem aos modelos tecnocráticos de governança e na consolidação de ideologias totalitárias dos aparelhos de Estado que, unidos à indústria cultural e ao sistema neoliberal, rastreiam os dados e privacidade dos consumidores e usuários. Esse mito de onisciência tecnológica resulta no aceleração da engenharia de sistemas de IA, no exponencial poderio computacional, nos modelos conexionistas e cognitivos da aprendizagem de máquina e na criação dos algoritmos cuja operação calculista insere números, espaço e tempo como snipers para rastrear, mirar e destruir o estatuto subjetivo do sujeito.

Nota-se que, embora violenta, essa relação promíscua entre razão e valores objetivos de mercado não é novidade, conforme reflete Marcuse (1964/1982) na dialética da “*Ideologia da sociedade industrial: o Homem Unidimensional*”, na qual ele argumenta que os sistemas de programação e de maquinários autômatos não podem ser neutros, devendo ser inscritos em suas próprias estruturas de funcionamento. Assim, a tecnologia, por meio do seu radicalismo progressivo, cada vez mais está impossibilitada de ser isolada do uso ao qual se destina, qual seja, a sedimentação de uma sociedade tecnológica baseada em um sistema de dominação. Ora, a construção de tempos de guerra é ancorada pela fórmula prática do neoliberalismo, tal como a escravidão assalariada capitalista, a infeliz euforia contemporânea resumida no consumismo e o nosso raptos em um cativo-universo fechado de discurso. Com este enquadramento, fica fácil identificar outro grande alvo: a subjetividade. Esta é destituída, deformada de suas possibilidades, quando o tempo, as experiências e a consciência são capturadas pelos meios tecnocráticos dessa sociedade industrial avançada. Revelar as contradições inerentes à sociedade tecnocrática unidimensional contemporânea é a forma de conseguir a redenção da tecnologia por meio de uma razão dialética negativa, como sugere Marcuse.

Nesta “*Terra arrasada*”, nomeada assim por Crary (2023), como esse arsenal tem sido aplicado para o fortalecimento do sistema tecnocrático em direção a um mundo pós-capitalista? Primeiro, as ameaças de uma Inteligência Artificial (IA) são multifacetadas. Envolvem *deep fakes* como operação de influência política, vigilância biométrica, policiamento preditivo e armas autônomas. É dezembro de 2023. Israel está bombardeando a faixa de Gaza com a assistência e controle de inteligência artificial. Os algoritmos, em seu ápice utilitário, estão programados para matar. Como véu tecnológico mágico, as Forças de Defesa de Israel (FDI) divulgam a tecnologia militar para causas humanitárias através de um mapa da região de Gaza transformado em uma miscelânea de mais de 600 blocos, cada qual significando uma área própria. Nomeado de Mapa de Habsbora, este complexo mosaico digital, acessível apenas através de um QR Code com atualização em tempo real sobre as áreas de risco a serem evitadas, foi um artifício intentado para que os civis palestinos não se perdessem em um labirinto de zonas de combate. Nada mais do que o esforço na aparência para falsificar a realidade estabelecida do desastre em todos os níveis. De acordo com Jones (2023) o Habsbora não é só uma sirene digital. É um modelo matemático de algoritmo para otimizar a evacuação e supostamente ser justo no racionamento distributivo de recursos. Os dados de vigilância e monitoramento usados por esse sistema de IA são coletados de fontes convencionais do grande público: satélites, drones e sistemas de radar.

Esse episódio demonstra que a fronteira entre proteção, vigilância e campo de experimento, em que é possível ajustar as respostas emocionais a um padrão de monitoramento de acordo com o grau da emergência, é indivisível. As pessoas são retratadas como elementos de um projeto necropolítico e precisam ser organizadas rápida e eficientemente, sem tempo para a retratação de suas angústias e perdas naquele momento. Com todo o choque psicológico e as inúmeras respostas fisiológicas, imaginemos os alertas das notificações saltando aos olhos dos palestinos: *"Atenção! bombardeio intenso em curso! evacue imediatamente para a rota de fuga designada!" "Alerta máximo! saia agora e dirija-se para a área de segurança mais próxima!" "Urgente: bombardeio em progresso! Siga as instruções de evacuação para garantir sua segurança!" "O tempo está se esgotando!"*

Não obstante os cortes de energia, a violação dos corpos, da dignidade e o constante estrondo dos ataques aéreos, somado aos alarmes de avisos para evacuar e buscar locais seguros, os palestinos se viram forçados a decifrar coordenadas quase que criptografadas, na esperança de evitar que os bombardeios intensos atingissem o pouco que lhes restava. Afinal, é de se titubear sobre qual bombardeio acerta mais fulminantemente, o sininho da notificação

que grita o perigo ou as bombas literais. A calculadora da ordem totalitária transforma qualquer mecanismo, seja ele uma notificação ou um ataque direto, em uma ferramenta de opressão e violência sistemática, tendo qualquer um como alvo a ser destruído, como se observa nesta passagem de Adorno e Horkheimer:

A ordem totalitária levou isso muito a sério. Librado do controle de sua própria classe, que ligava o negociante do século dezanove ao respeito e amor recíprocos kantiano, o fascismo, que através de uma disciplina férrea poupa o povo dos sentimentos morais, não precisa mais observar disciplina alguma. Em oposição ao imperativo categórico e em harmonia tanto mais profunda com a razão pura, ele trata os homens como coisas, centros de comportamento. [...] Seu cânon é sua própria eficiência sanguinária (1985, p.75).

Além da política da não afirmação da vida, essa frieza instrumental perversa é a transformação da segurança numa miragem distante, com a dicotomia dos palestinos de ter esse sistema de mapeamento como a representação tanto de uma ferramenta de sobrevivência e proteção quanto de um símbolo da precariedade e do desespero da vida cotidiana amassada em uma zona de guerra. O engano digital por meio da desinformação é a atrocidade ideal para justificativas tecnológicas para crimes de guerra. Este cenário tão sinistro diagnostica que ainda estamos diante do início do projeto histórico da humanidade dialetizado por Adorno e Horkheimer (1985) que, em meio à necessidade de sobrevivência, tinha o cálculo para controlar e retirar o máximo possível de recursos da natureza para a dominação e eliminação do mais vulnerável.

Invertendo as esperanças marcusianas, parece que não conheceremos outra determinação de tecnologia que não seja para reificação e violência. O pensamento unidimensional não tem data para ser substituído por uma racionalidade capaz de acolher a negatividade. A razão continua irracional e incapaz de reconceituar a realidade por meio da fantasia e imaginação produtiva. Com isto, a metafísica da dominação prevalecerá sobre a metafísica da libertação, o que contraria as expectativas de Marcuse e traz à luz a verdade do neoliberalismo: o direito de matar em nome da sofisticação tecnológica e científica.

Capital e “inteligência”: as individualidades como alvos de guerra

Yuval Abraham é o documentarista para as revistas Local Call e +972, israelense e norte-americana respectivamente, que tem investigado a utilização descarada de inteligência

artificial na guerra israelita. Abraham entrevistou tanto membros atuais quanto antigos da comunidade de inteligência israelense e todos ratificaram aquilo que conhecemos com Marcuse (1964/982): a força política de determinação histórica, envolvendo os valores de controle, ordem hierárquica e lógicas capitalistas de produção, acumulação destrutiva e atomizante. Em outras palavras, as informações eram de que as unidades de inteligência das FDI haviam se transformado em uma "fábrica de assassinatos em massa", operando sob o disfarce de ferramentas de inteligência estatisticamente precisas e tecnicamente avançadas, com fins de proteção e amparo aos civis palestinos. Isso significa que temos o percurso ideológico da ratio instrumental sustentada pelo dominador de operacionalização da vida social. Este provedor miniaturiza o humano e social em números e dados, ao ignorar os aspectos qualitativos e subjetivos da totalidade de sua experiência no meio de uma guerra. Consequentemente, é estabelecida uma base tecnológica para uma sociedade programada para ser visualizada estatisticamente como um dado. Esse processo transforma um fato desolador, a barbárie, em uma falsa noção evolucionista ou de progresso.

Acima disso, ao explicitar a confecção de uma barreira histórica que intenta bloquear a busca pela verdade a respeito dessa barbárie, a perpetuação das estruturas de poder produz falsas consciências embotadas, as quais são incapazes de se inconformar de que a vida dos civis é reduzida a coordenadas geográficas manipuláveis remotamente por softwares de IA. Marcuse argumenta que quando os indivíduos se identificam com a existência que lhes é imposta e encontram nela seu próprio desenvolvimento e satisfação, essa identificação não é uma ilusão, mas uma realidade, e esta passa a constituir o avanço sem freio de emergência da alienação, tornando-se inteiramente objetiva. A existência alienada corporifica o sujeito em suas abstrações, resultando em uma única dimensão que está em toda parte e assume todas as formas. *“As conquistas do progresso desafiam tanto a condenação como a justificação ideológica; perante o tribunal dessas conquistas, a “falsa consciência” de sua racionalidade se torna a verdadeira consciência”* (MARCUSE, 1964/1982, p.31).

Nesse sentido, a interpretação a partir de Feenberg (2002) complementa a leitura dessa problemática quando ele notifica que apenas lutar para mudar os objetivos da tecnologia não resultará na transformação da lógica de seu domínio, visto que a tecnologia incorpora a política subjacente dentro de suas próprias estruturas e assume uma lógica própria, independente dos objetivos a que serve. Logo, para Feenberg, alterar as extremidades dos sistemas tecnocráticos atuais, deixando suas estruturas intactas, transporta para o risco de as condições sociais atuais, tão alarmantes e angustiantes, configurarem-se como inautênticas,

falaciosas. E com o avanço desenfreado dos mecanismos de IA é um enorme desafio apontar o que é a realidade e o que são imagens ou vídeos produzidos artificialmente, posto que “*Os produtos doutrinam e manipulam; promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade*” (MARCUSE, 1964/1982, p.32). É aí que a origem de muitos dos problemas contemporâneos de ordem política, econômica e fundamentalmente ambiental é distorcida. Do grande público são escondidas as organizações criminosas, mentoras dessa expropriação de consciências e exploração de recursos. Por isso, é necessário, na visão de Feenberg, que se mude a superestrutura institucional, de modo que uma nova ordem de ciência e tecnologia pudesse ser criada ou vislumbrada sem entrar em conflito com a natureza, que é objetivada como mera fonte de extração de matéria-prima.

Não é segredo que a tecnologia faz a extração de quase tudo para superestimar a produção. Sua ação é a de simplificar a natureza para que ela seja manipulada e controlada com o propósito de exploração e uso eficiente dos recursos naturais de maneira comercializável e com o cuidado de se disfarçar de sustentabilidade ecológica. É importante ressaltar, nesse aspecto, tanto os pensamentos de Adorno e Horkheimer quanto o de Marcuse no impacto que a racionalidade tecnológica moderna gera ao alterar a matéria para um sistema hipotético de instrumentalidades irracionais, em que a experiência humana é predeterminada pela projeção dos instrumentos e de seu emprego na natureza. Isso transforma objetos e fenômenos naturais em qualidades e quantidades abstratas, moldando nossa percepção e interação com o mundo. A matéria deixa de ser apreendida enquanto algo físico e concreto, fundante e mantenedor da vida no ecossistema, sendo vista como um conjunto de lucratividade infinito, inesgotável. A natureza, então, passa a ser observada e manipulada através de ferramentas e métodos que abstraem suas qualidades próprias em dados e medições, recursos e modificações para fins lucrativos, como o extrativismo. Coisas concretas, propriedades observáveis e mensuráveis são transformadas em qualidades e as quantidades em valores numéricos estatísticos. Graças à tática tecnológica, essa abstração permite que a natureza seja organizada e controlada por um *modus operandi* que antes não era possível.

A proposição de Feenberg (2002) converge, em sua essência, com a posição de racionalidade subversiva e dialética defendida por Marcuse e por Adorno e Horkheimer. Para Marcuse, a força de manter aberta a tensão entre sujeito e objeto finalmente faria com que o objeto não fosse mais temido. Teríamos uma nova jornada pós-tecnologia racionalizada, na qual a liberdade não seria apenas uma ilusão. Contudo, isso não seria possível num cenário de

fake news promovido pela extrema direita, onde a verdade é deslocada e impedida de dialogar com a realidade histórica. Esta, por sua vez, é recontada para produzir uma "outra verdade" em uma realidade paralela, morada psicótica de perfis de sujeitos negacionistas e conspiracionistas. O mundo, reduzido a termos simplificados e quantificáveis, conduz a uma compreensão superficial ou distorcida da realidade, que é um terreno pronto à objetivação de ódio e conflitos. Evidentemente que este fenômeno conservador e preconceituoso tem explicação com o conceito de pensamento de ticket empregado por Adorno e Horkheimer: o pensamento dá lugar a fórmulas, slogans, pautas e tickets ficam configurados como fichas que são colocadas e posteriormente retiradas do sistema de produção, sem jamais se deixarem afetar pelo sistema em sua totalidade. Não poderia ser diferente o aprofundamento assertivo de Marcuse:

Surge assim um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais no qual as idéias, as aspirações e os objetivos que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reduzidos a termos desse universo. São redefinidos pela racionalidade do sistema dado e de sua extensão quantitativa (1964/1982, p.32).

Afora a mera categorização, operação e função do pensar, as coisas são desresponsabilizadas de qualquer consideração das contingências históricas que determinam a realidade. Isto talvez comprove e explique o que, para Marcuse, está ligado ao pensamento unidimensional como um logos de validade universal, abstraído das instâncias individuais e conjunturas históricas para encobrir o todo particular. Desse modo, a razão lógica se sobrepõe à erótica, a materialidade é neutralizada, o princípio de identidade é apartado do princípio da contradição e esta é invalidada e redesenhada como uma forma de pensamento incorreto. Como contraponto, a subversão eficaz contra o sistema dominante deve vir da negação da lógica unidimensional que subordina toda realidade à razão instrumental. Em suma, a mesma lógica aplicada à quantificação e à instrumentalização da natureza é aplicada às relações humanas. Não à toa, o sucesso da tecnologia de guerra reside em ter como alvo a eficiência do sistema, e não as necessidades e emoções das pessoas. Por isso o agravamento tanto das crises ecológicas quando da desumanização em períodos de largas tribulações como as guerras.

Tecnologia da morte e sua aplicação: questões éticas para a Psicologia

A tecnologia de inteligência artificial, usada para gerar e atacar alvos, reitera que o progresso, como dizem Adorno e Horkheimer (1985), está em seu salto irrefreável, bem longe de representar um avanço contínuo para um futuro mais humano e ético. A sua maldição é a irrefreável regressão. As guerras foram grandes eventos de experimentos nesse sentido. Destruíram para construir na melhor condição de impor o caos pela ordem. Haraway (1995) explica que após o período entre guerras, no início do século XX, houve uma aceleração no desenvolvimento de tecnologias de ponta que influenciou e afetou áreas do conhecimento científico, além das militares e bélicas. A cibernética, um produto do pós-guerra engloba múltiplos elementos teóricos que levam à inevitável síntese entre o vivo e o maquinal e entre o orgânico e o eletrônico, estando, portanto, intimamente ligada à biologia e ao estudo da vida e de seus fenômenos orgânicos. Com a medicina, surgiram novos campos de conhecimento, como a cirurgia, a endocrinologia, a imunologia, a epigenética e a psiquiatria, que se enriqueceram com o uso de novas ferramentas tecnológicas incorporadas ao campo dos seres vivos, como as biotecnologias.

As ferramentas assistidas por IA, como anteriormente discutido, permitiram a automação de guerras e um poder de invisibilizar aquele que principalmente aciona o botão de implosão dos direitos humanos e violação ética. Adorno e Horkheimer deslindaram essa ordem totalitária do regime nazista na utilização de métodos científicos e tecnológicos para otimizar a logística do genocídio e maximizar o extermínio em massa. O conjunto de práticas administrativas baseadas em cálculos instrumentais recorrido para transportar judeus para as câmaras de gás exemplifica a ausência de humanidade quando os seres humanos são carimbados e numerados para uma equação de compatibilidade envolvendo o número ideal de prisioneiros a ser transportado e a avaliação da quantidade e capacidade do número de vagões. A aplicabilidade objetiva junto do resultado eficaz se torna o principal critério, mesmo que não verdadeira, pois o espaço dos trens não era respeitado, havia superlotação e aperto entre os judeus. Como se não fosse suficiente, a conta sobre o tempo necessário para encher e esvaziar as câmaras, a quantidade de gás necessária e o tempo de exposição dos prisioneiros elevaram as potências das engenharias mecânicas e químicas para a excelência das câmaras de gás. Assim, asfixiava-se o máximo possível, no menor tempo possível.

MARCELO GONÇALVES RODRIGUES
JÉSSICA RAQUEL RODEGUERO STEFANUTO

A equação do espírito e do mundo acaba por se resolver, mas apenas com a mútua redução de seus dois lados. Na redução do pensamento a uma aparelhagem matemática está implícita a ratificação do mundo como sua própria medida. O que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado. Compreender o dado enquanto tal, descobrir nos dados não apenas suas relações espaço-temporais abstratas, com as quais se possa então agarrá-las, mas ao contrário pensá-las como a superfície, como aspectos mediatizados do conceito, que só se realizam no desdobramento de seu sentido social, histórico, humano – toda a pretensão do conhecimento é abandonada. Ela não consiste no mero perceber, classificar e calcular, mas precisamente na negação determinante de cada dado imediato. Ora, ao invés disso, o formalismo matemático, cujo instrumento é o número, a figura mais abstrata do imediato, mantém o pensamento firmemente preso à mera imediatidade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.34).

Jones (2023) aponta sobre a influência que as altas capacidades tecnológicas modernas têm na quantidade e nos critérios de alvos que são selecionados em contextos de combate, resultando em maior índice de mortalidade civil. Antigamente, uma unidade de inteligência era capaz de produzir apenas 50 alvos por ano. Hoje, num único dia, são 100 alvos gerados, sendo 50 acertados. À medida que a quantidade de alvos gerados pela IA aumentou, os critérios para decidir quais alvos atacar se tornaram mais flexíveis e menos restritivos. A precisão fria da tecnociência computacional e de suas aparelhagens é o que torna a perda do seu controle o maior medo e aprisionamento daquele que admira, lustra e toca, fetichiza e se relaciona libidinalmente com tais objetos de adoração e salvação. Quer dizer: a análise de Adorno e Horkheimer sobre o formalismo matemático como moedora da experiência humana e da dimensão ética não é jamais algo apenas do passado, como a Shoah, é a mais clara forma de opressão automatizada, fruto da modernização das práticas de guerra.

A crítica de Marcuse a respeito de a ciência e a tecnologia serem guiadas por um empirismo total mostra que, ao deixar a razão a serviço do estado de coisas, permuta-se os conceitos e reflexões dialéticas por operações e comportamentos observáveis específicos. A implicação disso é que os produtos da industrialização cultural, bélica e computacional deixam de ser apenas publicidade e passam a ser um estilo de vida. “*É um bom estilo de vida - muito melhor do que antes - e, como um bom estilo de vida, milita contra a transformação qualitativa*” (1964/1982, p.32). Há uma tendência de que os pensamentos críticos, filosóficos e dialéticos que não estejam acordados com o modelo de cientificismo pragmático passem a ser considerados irracionais, perturbadores da ordem e cancelados.

A tendência pode ser relacionada com uma evolução no método científico: operacionalismo nas Ciências Físicas, behaviorismo nas Ciências Sociais. A característica comum é um empirismo total no tratamento dos conceitos; o

significado destes é restringido à representação de operações e comportamento especiais (MARCUSE, 1964/1982, p.32).

E, realmente, os drones e os clubes de tiro condicionam bem essa classificação de estilo de vida atrelada ao lazer administrado e ocupação do tempo livre de sujeitos espoliados e distraídos na intensidade de uma fria rotina sadomasoquista. Notadamente, Chamayou (2015b) em seu clássico *“Teoria do Drone”*, apresenta a concepção espetacular da violência tecnológica e o seu caráter performativo em uma lógica fatal que configura os agentes da violência sob o controle de uma lógica destrutiva que eles não podem controlar. Esse congelamento dos afetos legitima que a violência tecnológica em busca do seu alvo seja, tal como um entretenimento, uma forma de atividade social cujas relações têm combatentes e vítimas, autoridades governamentais-militares e civis desprotegidos. Chamayou elucida sobre os alvos como pontos ou imagens em tela, fazendo uma passagem de uma mera figuração para uma mais operativa. *“Utilizando o olho-que-tudo-vê, você pode descobrir quem é importante numa rede, onde eles vivem, quem os sustenta, quem são seus amigos”*. Em seguida, basta esperar *“que essas pessoas cheguem a um trecho de estrada isolado, para eliminá-las com um míssil Hellfire”* (2015b, p.47).

Seu paralelismo metafórico do ato de clicar com o ato de matar via o simples posicionamento do cursor ou da flecha sobre pequenas "imagens acionáveis", substituindo o corpo em carne e osso do inimigo, rememora bem o que Flusser (2011) pontua acerca do ato fotográfico. Segundo ele, o fotógrafo faz o gestual de caça que mira o objeto, tal como o caçador mira uma presa, sendo o click igual ao tiro de uma arma de fogo. Chamayou (2015b) avança nas recapitulações permeadas nas fantasias coletivas da história com o ato de espetar, alfinetar bonecos de cera, famigerados bonecos da feitiçaria, como o vodu, para mostrar a busca pela localização do alvo e também a jornada da conversão da magia em alta tecnologia. Nessa toada, o distanciamento moral dissertado por Chamayou reitera que a violência é uma operação da tecnologia, é uma ação do instrumento que embrulha na sua ação o seu usuário.

Isso levou à falsa crença de que os operadores do drone, quando estão a quilômetros de distância, tendem a congelar o afeto ainda mais. Chamayou questiona essa tese da lei clássica da distância e ratifica que essa separação espacial entre o executor da violência e a vítima, tendo câmeras de alta resolução e capacidade de zoom ótico, permite observar de perto o alvo. A proximidade ocular com imagens mais gráficas e personalizadas do alvo não mitiga a violência. Ao contrário, ela fica ainda mais explícita e pessoal para o executor. *“Essa combinação original de distância física e proximidade ocular faz a lei clássica da*

distância mentir: o grande alcance já não torna aqui a violência mais abstrata ou mais impessoal, ao contrário, torna-a mais “gráfica” e mais personalizada (CHAMAYOU, 2015b, p.133)

Visualizar claramente os detalhes do alvo e ter a precisão formal das ações que serão executadas com zero chance de erro. Este é o formalismo matemático contido na tecnologia de armas de guerra, como o drone. Isto expõe a intensa contradição que tanto Adorno e Horkheimer quanto Marcuse e Feenberg delatam a respeito de uma tecnologia desenvolvida para opressão e vigilância, pois uma sociedade verdadeiramente libertada iria destruir os dispositivos técnicos de seus projetos de dominação. Iria instituir aos aparatos tecnológicos a capacidade técnica de reduzir a luta pelo abastecimento do necessário para a vida. Todavia, voltando à argumentação que Chamayou faz sobre a distância não apaziguar a dimensão do ato violento, por qual razão os operadores de drones continuam percebendo os alvos de forma desumanizada? Aqui entra a produção científica do conhecimento psicológico, no caso o condicionamento operacional behaviorista de B. F. Skinner. Seu marco fundante foi o tratamento psicoterapêutico para pôr em extinção padrões de respostas consideradas compulsivas, obsessivas e repetitivas.

A aplicação desse tipo de treinamento nas instituições militares e paramilitares seria para enganar a percepção e sensibilização do processo, fundamental para a performance no alto combate. Primeiramente, este treino clássico de dessensibilização pode ser com a exposição paulatina e sistemática do militar perante o objeto, que vai ganhando contornos e bordas diferentes ao longo do trabalho de condicionamento. Em seguida, o objeto tem que parecer com um alvo muito próximo daquele que será destruído, sem identificação de qualquer particularidade. Ou seja, no começo da aventura, é preciso acostumar lentamente o operador do drone à violência visual sem que ele sofra um choque emocional intenso. Sempre em ordem crescente, ao aumentar a frequência à exposição das imagens menos violentas, sobe-se a intensidade da violência mostrada. A resposta do sujeito é a de resistência: menos choque visual e abalo emocional. Ele suporta mais tempo a carga de estímulos apresentada, desde que haja o pareamento com a gestão do estresse por meio de exercícios de respiração e relaxamento induzido. O sujeito habitua-se a colocar uma fração no lugar do todo, despersonalizando a vítima.

Essa era também parte do treinamento dos médicos nazistas, demonstrado no documentário “*Arquitetura da destruição*”, de Peter Cohen. A figura do carrasco autoritário que coloca o residente médico de frente para as vísceras de um defunto, traz o lado formativo

de muitos profissionais ainda hoje: foca-se a doença, olha-se para o alvo de sua especialidade, naquele corpo que não é visto em seu todo, tampouco observado o sujeito que ali demanda. Adorno e Horkheimer (1985) evidenciam o apelido como meio de apagar a personalidade e reduzir o afeto para exercer violência e vingança, algo bem debatido por Zuin (2002) nos trotes universitários como ritual de passagem.

Franco (2002) também explica como essa prática regressiva da ciência ocorre na preparação do militar, com treinamentos visando dureza das emoções, extinguir no soldado a experiência traumática, tornando-a uma mera vivência corriqueira, ao exigir respostas fisiológicas nas quais o ato reflexo é a totalidade da consciência do indivíduo. Com a capacidade aguçada de controlar o medo e o estresse, a prontidão psicológica do combatente é regulada para a tomada de decisão rápida, racional e mortal. Franco cita o Bungee-Jump, o voo do super-homem, que fora criado como uma metodologia extrema de exposição ao medo para dessensibilizar e gerar coragem e ressentimento nos aspirantes militares. Os recrutas eram convocados a confrontarem seus medos mais profundos de forma direta. Eram levados de olhos vendados, sem saber o que lhes iria acontecer. Simplesmente eram empurrados pelas costas. O impacto de choque ao voarem, como que para um abismo escuro, é a justificativa para prepará-lo para subir no morro, entrar na favela, encarar o fuzil, abordar um inimigo num beco.

A resposta esperada nesse treino é a de que o medo desapareça, surgindo em seu lugar a pretensão de superar situações coercitivas e adversas reforçando a autoconfiança na necessidade do trabalho exigido. Nasce o super-herói da sociedade, aquele que atira para acertar o alvo que incomoda a harmonia social: os bandidos. Para transformar sujeitos acuados em super-homens que voam, é urgente deixá-los insensíveis à violência e ao sofrimento do outro, enxergando todos como inimigo em potencial. Nessa esteira, a base do adestramento para suprimir as reações emocionais é a principal força da insensibilização por saturação, que se confunde com a ideia de superioridade em relação aos civis, que são mais reativos aos eventos traumáticos. Mais tarde, este objeto de tortura foi incorporado aos parques de diversões.

Originalmente, este aparelho – que consiste em um elástico de grande resistência acoplado a um guindaste hidráulico gigantesco – foi concebido para ser usado no adestramento militar: os recrutas tinham que, mediante a radicalização simulada da experiência de choque, aprender forçosamente a automatizar suas respostas a esses estímulos vertiginosos aos quais nem o corpo nem o aparato psíquico dos homens estão aptos a assimilar. A tecnologia militar concebe vários outros instrumentos similares a esse: seu escopo é sempre o de anular no soldado – naquele que consente

MARCELO GONÇALVES RODRIGUES
JÉSSICA RAQUEL RODEGUERO STEFANUTO

em renunciar a si mesmo para se submeter a ela e, mediante tal expediente, adquirir um caráter e comportamento socialmente valorizados que aplaquem a angústia e a fraqueza de seu ego debilitado – as reações físicas e psíquicas típicas de nossa natureza para transformá-lo em uma máquina de guerra (FRANCO, 2002, p. 66).

Atualmente, os simuladores de jogos de videogame ou da realidade virtual tentam replicar as condições reais de combate, incluindo a identificação e eliminação de alvos, para criar um ambiente imersivo, controlado e realista, a fim de que os atiradores possam se aprimorar sem as consequências de matar. Mais do que isto, fazer o militar compreender a importância dos dados dentro da sua profissão, é fazê-lo admirar planilhas, análises e estatísticas. E quando uma autoridade aprende a focar suas decisões a partir do que a análise de dados lhe entrega, ele passa a defender o trabalho como uma grande missão. Atirar, acertar, matar ou morrer passa a ser parte de uma tarefa técnica, nada mais. Liquidar a si próprio previamente, com o silenciamento de suas emoções e experiências, para poder eliminar com mais efetividade o outro, é o que faz um soldado ser competente em sua ação. Essa é a lógica terrorista da tecnologia militar denunciada por Franco. É basicamente isto que podemos ver no desfecho do sequestro de um ônibus na ponte Rio-Niterói ocorrido em agosto de 2019:

Pelo menos três snipers (atiradores de elite) estavam em posições estratégicas em volta do ônibus. Um deles estava deitado sobre um carro dos bombeiros e chegou a ser coberto por um pano vermelho. O G1 e a TV Globo ouviram seis ou sete disparos. Ainda não se sabe quantos snipers atiraram nem quantas balas atingiram Willian. Tão logo Willian caiu, o atirador que estava sobre o carro do Corpo de Bombeiros levantou e fez um sinal de positivo. Pessoas que estavam no local comemoram logo após os tiros (Reportagem do G1 Rio e TV Globo, 2019).

À época do ocorrido, o governador Wilson Witzel desceu do helicóptero vibrando com punhos cerrados, socos no ar e rindo pelo “sucesso” da operação. Típicos movimentos corporais cuja energia pulsional é a de dominação de si, da própria natureza. Bater no peito, indicando que venceu a batalha, tal como o gestual primitivo, para conter o aceleração do coração mediante o horror avistado. O presidente da república, na ocasião, também parabenizou o ato. O reconhecimento da preparação, do treinamento, do cálculo, das estratégias a serem tomadas, confirmam a objetificação do alvo. Matar torna-se uma tarefa, um sinal de positivo, igual às curtidas das redes sociais, um motivo para comemorar. É um alívio, é mais um ato qualquer. É a artificialidade da inteligência programada de algoritmos de guerra, mas é, antes disso, uma programação da indústria cultural neoliberal.

À guisa de conclusão

É nesse cenário, em que pairam a guerra e ameaças de diversas naturezas, que a educação pela dureza e a militarização das subjetividades emergem como formas de vida e formas de tornar possível a vida em um contexto cada vez mais invivível. O fazer-se pessoa dá-se em um contexto de dureza, de insensibilidade e de ocultamento dos reais problemas e conflitos enfrentados pelos seres humanos. O desenvolvimento técnico figura como promessa de redenção, ao mesmo tempo em que é a causa de uma série de mazelas que ele promete resolver. A racionalidade da dominação e do controle predomina e atravessa as relações interpessoais, nas quais se intensificam as proteções contra a experiência. Os sentidos ajustam-se à estética da guerra, do extrativismo, do extermínio. Cabe aqui pensar sobre os sofrimentos, conflitos e desafios e dilemas éticos que emergem nas práticas e na produção de conhecimento em Psicologia. Como organizar o cuidado, a escuta, a reflexão sobre o fazer-se humano em condições concretas, cada vez mais hostis à vida, ainda que se advogue o contrário. Que indivíduos se torne dados, que os dados se tornem mercadorias extraíveis, que a subjetividade seja leiloada e os corpos se tornem alvos desumanizados são problemas para o nosso tempo que requerem um pensamento psicológico à altura e reflexões que não desviem da dificuldade de enfrentar as contradições que nos trouxeram ao atual estado das coisas. A possibilidade de uma subjetividade autônoma já foi danificada em prol da autoconservação em um mundo pautado na retroalimentação do capital. Cada vez mais, a autoconservação é posta também em risco em favor da insaciabilidade do capital.

Referências

ABRAHAM, Yuval. “A mass assassination factory”: Inside Israel’s calculated bombing of Gaza. +972 magazine. Israel-Palestina, 2023. Disponível em: <https://www.972mag.com/mass-assassination-factory-israel-calculated-bombing-gaza/>

ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. “Crítica cultural e sociedade”. In. COHN, Gabriel (org). *Theodor W. Adorno: Sociologia*. Trad. Flávio Kothe. p. 76-91, São Paulo: Editora Ática, 1986.

CANIATO, Angela; CESNIK, Cláudia Cotrim; RODRIGUES, Samara Megume. “A captura da subjetividade pela violência simbólica da indústria cultural: da submissão à culpabilidade dos indivíduos”. *Psicologia USP*, v. 23, n. 4, p. 661–681, set. 2012. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pusp/a/CcWsmh7c3gfRjXfgG33MkkL/?format=pdf&lang=pt> > (acesso em set. 2023).

CHAMAYOU, Grégoire. “Nota introdutória sobre sociedade com alvos direcionados: uma breve história dos corpos esquemáticos”. Trad. Jorge Bastos Cruz. *Novos estudos CEBRAP*, n. 102, p. 107–127, jul. 2015a. Disponível em: < <https://doi.org/10.25091/S0101-3300201500020007> > Acesso em set. 2023.

CHAMAYOU, Grégoire. *Teoria do drone*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2015b.

Coelho, Henrique; Gimenez, Elza; Rouvenat, Fernanda; Torres, Livia. “Sequestrador de ônibus é morto por atirador de elite na Ponte Rio-Niterói; os 39 reféns passam bem”. G1 Rio e TV Globo, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/20/tiros-sao-ouvidos-em-sequestro-a-onibus-na-ponte-rio-niteroi.ghtml>

COHEN, Peter. “Arquitetura da destruição”. Filme-documentário. Versátil Home Vídeo. Alemanha: Universal, 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R1rWOWKnr1M>

CORBIN, Alain. “O segredo do indivíduo”. In. PERROT, Michelle. *História da vida privada*, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Trad. Denise Bottmann, Bernardo Joffily. p. 392-465. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CRARY, Jonathan. *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. São Paulo: Boitempo, 2023.

FEENBERG, Andrew. *Transforming technology*. New York, Oxford University Press, 2002.

FIGUEIREDO, Luís Claudio Mendonça; SANTI, Pedro Luis Ribeiro de. *Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da Psicologia como ciência*. São Paulo: EDUC, 2006.

FIGUEIREDO, Luís Claudio Mendonça. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo: Escuta, 2007.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.

- FRANCO, Renato Bueno. “De Baudelaire ao Bungee-Jump”. In: PEDROSO, L.A.; BERTONI, L.M.. (Org.). *Indústria Cultural e Educação (reflexões críticas)*. Araraquara: JM Editora, 2002.
- GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip. *Conceitos essenciais da Sociologia*. Trad. Claudia Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- HARAWAY, Donna J. *Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza*. Universidad de Valencia: ediciones Cátedra, 1995.
- JONES, Marc Owen. “Fact or fiction?” Israeli maps and AI do not save Palestinian lives. Al Jazeera English, Doha, 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2023/12/4/fact-or-fiction-israeli-maps-and-ai-do-not-save-palestinian-lives>
- MARCUSE, Hebert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARCUSE, Hebert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. “Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade”. *Psicol. Am. Lat.*, México, n. 20, 2010. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000200009&lng=pt&nrm=iso >. (acesso em set. 2023).
- NUNES, Rodrigo. *Nem vertical nem horizontal: uma teoria da organização política*. Trad. Raquel Azevedo. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTINI, Rose Marie. *O algoritmo do gosto: os sistemas de recomendação on-line e seus impactos no mercado cultural*. Vol.1 Curitiba: Appris, 2020.
- SANTINI, Rose Marie. *O algoritmo do gosto: tecnologias de controle, contágio e curadoria de si*. Vol. 2. Curitiba: Appris, 2020.
- SZTULWARK, Diego. *A ofensiva sensível: neoliberalismo, populismo e o reverso da política*. Trad. Gabriel Bueno da Costa. São Paulo: Elefante, 2023.
- ZUIN, Antonio Álvaro Soares. *O trote na universidade: passagens de um rito de iniciação*. Cortez, 2002.

SUBJETIVIDADES, DADOS E ALVOS DIRECIONADOS: O QUE RESTA À PSICOLOGIA?

MARCELO GONÇALVES RODRIGUES
JÉSSICA RAQUEL RÓDEGUERO STEFANUTO

Data de submissão: 31/07/2024

Data de aprovação: 23/10/2024